



18º Congresso de Iniciação Científica

**INICIATIVAS E PRÁTICAS NA GESTÃO DE CADEIAS DE SUPRIMENTOS IMPLEMENTADAS
POR OPERADORES LOGÍSTICOS**

Autor(es)

MIRIAN JAQUELINE BARRETO MOURÃO

Orientador(es)

SÍLVIO ROBERTO IGNÁCIO PIRES

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPQ

1. Introdução

Em virtude do processo de globalização da economia e da abertura do mercado brasileiro na década de 1990, tendo em vista a crescente entrada de produtos importados no país e o aumento dos investimentos externos, muitas empresas estão sendo obrigadas a reformular-se para poderem adaptar sua estrutura às novas exigências do mercado e poderem oferecer aos clientes produtos e serviços com menor preço, prazo, variedade e melhor qualidade (PIRES, 2004). Adicionalmente, diversas ondas de fusão e aquisição também têm provocado o crescimento da terceirização (outsourcing) de operações logísticas, especialmente nas indústrias de varejo e bens de consumo, onde as empresas vem explorando as vantagens em delegar a terceiros a responsabilidade pelos investimentos e operações nos processos logísticos (VIVALDINI & PIRES, 2006). Por sua vez, os operadores logísticos, mediante essa nova situação, também têm que de se adequarem seguindo as novas atividades exigidas pelas empresas contratantes. (FLEURY, WANKE, FIGUEIREDO, 2003; DUBKE, FERREIRA, PIZZOLATO, 2004).

Nesse contexto, uma adequada gestão os processos logísticos passou a ser ferramenta competitiva estratégica, exigindo que o operador logístico busque sempre melhorias contínuas nos processos que administra, bem como uma maior integração com as empresas contratantes de seus serviços. Assim, deve criar um vínculo de crescente confiança com sua base de empresas clientes (RODRIGUES; SELITTO, 2008).

2. Objetivos

O objetivo principal da pesquisa realizada foi identificar as principais iniciativas e práticas implementadas por operadores logísticos na gestão da cadeia de suprimento e comparar as práticas nos setores líderes da economia, como o automotivo, o eletroeletrônico e o chamado grande atacado e grande varejo.

3. Desenvolvimento

O projeto de pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa exploratória e com levantamento de dados e hipóteses para serem utilizados em futuros estudos. Segundo Yin (2001, p.20), um estudo exploratório deve apresentar pressupostos teóricos que irão nortear a investigação e que pode ser descritivos, se buscarem associações entre variáveis, ou explanatórios, se acrescentarem explicações. Desse modo, as variáveis (iniciativa e práticas) identificadas na revisão da literatura tanto nacional como estrangeira formaram uma base teórica que orientou a coleta de dados, interpretação e análise dos dados, conforme estipulado no objetivo da pesquisa. Segundo Lakatos & Markoni (2002), estudos de casos também oferecem vantagem por terem procedimentos simples e por contemplarem uma multiplicidade de dimensões e encorajar novas descobertas.

4. Resultado e Discussão

Baseando-se na revisão da literatura, a primeira etapa do projeto foi através da busca intensiva dos artigos científicos com intuito de coletar o máximo de dados possíveis. Já na segunda etapa foi feita uma tabela no Word com aproximadamente 114 artigos que falam de diversos métodos, análises e ferramentas as quais permitiram a observação em grande quantidade do uso de softwares de Separação e de Endereçamento, Programação de Compras e de Administração de Fornecedores, assim como os sistemas ERP (Enterprise Resource Planning), e-procurement, Expert Choice, MRP (Material Requirement Planning), MRP II e Arena. Por conseguinte, na terceira etapa elaborou-se um grande quadro sintetizando as informações principais de todos os artigos estudados e empresas encontradas. Isso foi realizado com o intuito de se classificar as iniciativas e práticas mais utilizadas pelos operadores logísticos nos setores de interesse na pesquisa.

Entretanto, o uso de iniciativas e práticas contemporâneas como o EDI, ECR, VMI, CPRF, dentre outras, usadas pelos provedores de serviços logísticos não são tão simples de serem implementadas e para serem mais eficientes devem estar integradas a outros recursos de tecnologia de informação e comunicação (TIC). Muitas das empresas vêm utilizando mais de uma prática por setor e na maioria pesquisada o uso do EDI é quase uma constante, mas existem aquelas práticas que acoplam mais de uma ferramenta de forma paralela, visto que cada uma tem uma função diferente. Por exemplo, enquanto o EDI trata da informação, o VMI assume a responsabilidade de reposição do estoque e assim acontece com as demais. Observa-se também que quanto mais houver essas práticas sendo realizadas de uma forma colaborativa, melhor tenderá a ser os resultados apresentados na cadeia de suprimentos.

Práticas como o EDI (Electronic Data Interchange - Intercâmbio Eletrônico de Dados) são fatores decisivos nas operações estudadas porque permitem que as informações sejam passadas por conexões computadorizadas, notebooks, telefones celulares e pagers permitindo comunicação em tempo real através do compartilhamento de informações com a colaboração de seus participantes (BEYLOUNI LAVRATTI; COLOSSI; DELUCA, 2002); (MARQUES; ALCANTARA, 2004).

Em vista disso, notou-se que além do EDI ser utilizado na maioria dos setores junto ao VMI (Vendor Managed Inventory- Estoque Gerenciado pelo fornecedor, outras práticas são adicionadas como forma de adquirir ainda mais força, como é o caso do CR (Continuous Replenishment- Reposição Contínua), ECR (Efficient Consumer Response – Resposta Eficiente ao Consumidor) e Just in time, ligando a empresa compradora ao seu fornecedor. O EDI pode facilitar imensamente os processos de fluxo de informações, especialmente de pedidos por entre os componentes de uma cadeia de abastecimento, visando uma maior agilidade na entrada destes pedidos, redução de erros e fretes adicionais. Isso gera diminuição no processo de conferência e redução dos níveis de estoques, visto que a informação precisa e centralizada leva a previsões mais adequadas e com níveis de insegurança menores, inclusive no chamado efeito chicote na cadeia de suprimentos (FERREIRA; ALVES, 2006).

Também pode-se considerar com relação aos operadores logísticos que ainda há muito caminho a ser explorado devido aos demasiados direcionamentos e papéis que lhes são atribuídos, como identificado na pesquisa. A competitividade empresarial tem criado cenários em que esses prestadores de serviços precisam estar altamente preparados para atender seus clientes, pois terceirizar processos logísticos pode ser algo economicamente viável e ajuda as empresas a focarem no seu core business. (VIALDINI & PIRES, 2010)

Por sua vez, o transporte, como uma das atividades principais executadas pelos operadores logísticos, foi observado também como tendo grande relevância. É sabido que nele tem-se um dos grandes problemas de infra-estrutura do Brasil, principalmente o excesso do uso do modal rodoviário. Ainda são poucos os operadores logísticos que oferecem outros tipos de modais, como, ferroviário e marítimo aos seus clientes. (FLEURY, WANKE, 2003)

5. Considerações Finais

Pôde-se concluir com a pesquisa que a participação dos operadores logísticos nas cadeias de suprimentos ainda são mais comuns na Europa e Estados Unidos. Dentre as empresas americanas e européias de maior sucesso são a UPS, Fedex, Ryder, Penske, Exel e a Danzas. No Brasil, o maior interesse pelos serviços dos operadores logísticos tem ocorrido depois da abertura da chamada economia no início dos anos de 1990.

É certo que independente do setor, o trabalho de um prestador de serviços nas indústrias alimentícias e perecíveis como refrigerados, torna-se inquietante, porque o tempo terá de ser mais curto, ágil e eficiente, assim como ocorre no comércio internacional nas questões relacionadas aos trâmites aduaneiros e de segurança na movimentação de cargas.

Embora cada uma das iniciativas e práticas estudadas na pesquisa tenha a sua função e seu setor mais indicado de aplicação, no geral elas tendem a reduzir ou eliminarem custos ao longo da cadeia, baseado principalmente na confiança entre os envolvidos no compartilhamento de informações.

Referências Bibliográficas

BEYLOUNI LAVRATTI, F; COLOSSI, N; DELUCA, M. Considerações conceituais sobre Efficient Consumer Response (ECR) no contexto supermercadista. Revista de Ciências da Administração, v.4, n.08, jul/dez. 2002.

DUBKE, A.F; FERREIRA, F.R.N; PIZZOLATO, N.D. Plataformas Logísticas: características e tendências para o Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 24. Florianópolis. 3-5 nov. 2004. Anais... Florianópolis: UFSC. 2004. p.841-847.

FERREIRA, K.F; ALVES, M.R.P. O uso de tecnologia de informação na atividade logística de transportes: estudo de caso em uma empresa da indústria de alimentos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26. Fortaleza. 9-11 out. 2006. Anais...Fortaleza: UFC. 2006. p.1-8.

FLEURY, P.F; WANKE, P; FIGUEIREDO, K.F. (Org.). Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos: planejamento do fluxo de produtos e dos recursos. São Paulo: Atlas, 2003. p.49-486.

GIOSA, L.A. Terceirização: uma abordagem estratégica. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Pioneira, 1997, 144p.

LAKATOS, E. & MARCONI, M. Técnicas de Pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, E. F; ALCANTARA, R.L.C. O uso da ferramenta Gerenciamento por Categoria na Gestão da Cadeia de Suprimentos: um estudo multicaso. Revista Gestão & Produção, v.11, n.2, p.153-164, maio/ago. 2004.

PIRES, S., Gestão da Cadeia de Suprimentos: conceitos estratégias, práticas e casos. São Paulo: Atlas, 2010, 319p

RODRIGUES, D. M; SELBITTO, M.A. Práticas Logísticas Colaborativas: o caso de uma cadeia de suprimentos da indústria automobilística. Revista de Administração, v. 43, n.1, p. 97-111, jan/fev/mar. 2008.

VIVALDINI, M; SOUZA, F.B. de; PIRES, S.R.I. Proposta de uma estrutura conceitual sobre o papel dos prestadores de serviços logísticos (PSLs) em cadeias de suprimentos colaborativas: um estudo teórico. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 3. 6-8 nov. 2006. Anais... Bauru: UNESP. 2006. p.1-10.

VIVALDINI, M; PIRES, S., Operadores Logísticos: Integrando Operações em Cadeias de Suprimento. São Paulo: Atlas, 2010, 214p.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p.20.